

APRESENTAÇÃO

O Serviço Florestal Brasileiro apresenta o boletim Panorama Econômico do Setor Florestal. Trata-se de um informativo que reúne indicadores macroeconômicos e da economia do setor florestal em séries históricas. O primeiro número traz indicadores técnicos e econômicos normalmente utilizados no mercado florestal brasileiro e do mundo.

Economia Mundial

A recuperação da atividade econômica global apresentou significativa melhora nos últimos meses do ano de 2013. Esse otimismo deve-se, fundamentalmente, ao ritmo de crescimento econômico das economias avançadas, com especial destaque para Estados Unidos, Alemanha, Japão e Reino Unido, onde o Fundo Monetário Internacional (FMI) projeta um cenário econômico otimista para os anos de 2014 e 2015.

Apesar da permanência de certas fragilidades em algumas economias avançadas, o FMI, em seu mais

recente “World Economic Outlook”, alerta para as vulnerabilidades de alguns países emergentes, onde a fraqueza da demanda doméstica pode acarretar restrições ao crescimento econômico. Em outros países emergentes, a manutenção das taxas de crescimento irá requerer a implementação de reformas estruturais que consigam solucionar os gargalos existentes. Uma terceira fonte de contração para algumas economias em desenvolvimento relaciona-se ao enfraquecimento do crédito e à saída de capitais estrangeiros.

Taxas de Crescimento da Economia Mundial (%)	Projeções			
	2012	2013	2014	2015
Crescimento Econômico Mundial	3,1	3,0	3,7	3,9
Economias Avançadas	1,4	1,3	2,2	2,3
Estados Unidos	2,8	1,9	2,8	3,0
Zona do Euro	-0,7	-0,4	1,0	1,4
Alemanha	0,9	0,5	1,6	1,4
Japão	1,4	1,7	1,7	1,0
Mercados Emergentes e Economias em Desenvolvimento	4,9	4,7	5,1	5,4
Brasil	1,0	2,3	2,3	2,8
Rússia	3,4	1,5	2,0	2,5
China	7,7	7,7	7,5	7,3
Índia	3,2	4,4	5,4	6,4
África do Sul	2,5	1,8	2,8	3,3
América Latina e Caribe	3,0	2,6	3,0	3,3
Volume de Comércio Mundial (Bens e serviços)	6,0	2,5	3,1	5,4
	<i>Importações</i>			
Economias Avançadas	1,0	1,4	3,4	4,1
Mercados Emergentes e Economias em Desenvolvimento	5,7	5,3	5,9	6,5

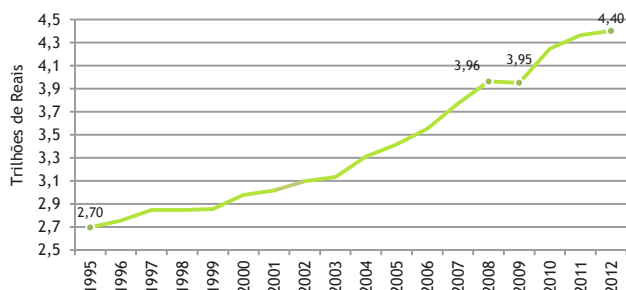
Economia Brasileira

A atividade econômica brasileira fechou o terceiro trimestre de 2013 em ritmo de expansão, em relação ao mesmo período do ano passado. A alta da atividade econômica, 2,2% em relação ao mesmo trimestre de 2012, foi creditada à expansão de 1,9% da atividade industrial e de 2,2% do setor de serviços. Por outro lado, houve recuo de 0,7% no setor agropecuário. Quanto à demanda agregada, as exportações seguiram com avanço de 3,5%, e as importações, de 14,2%, já descontados os efeitos sazonais.

PIB

A análise de longo prazo para o PIB indica tendência de crescimento. O PIB a preços constantes de 2012 registra aumento de 63,3% no período de 1995 a 2012. O intervalo de 2008-2009 apresenta recuo de 0,3% por ocasião da crise iniciada em 2008.

PIB – Preços 2012 (1995-2012)



Fonte: IPEA.

O PIB de 2013 fechou com alta de 2,3% em relação a 2012. A série com ajuste sazonal apresentou aumento de 0,7% em comparação com o terceiro trimestre do ano e em valores correntes totalizou R\$ 1,3 bilhão no trimestre.

Número índice de volume trimestral com ajuste sazonal – PIB

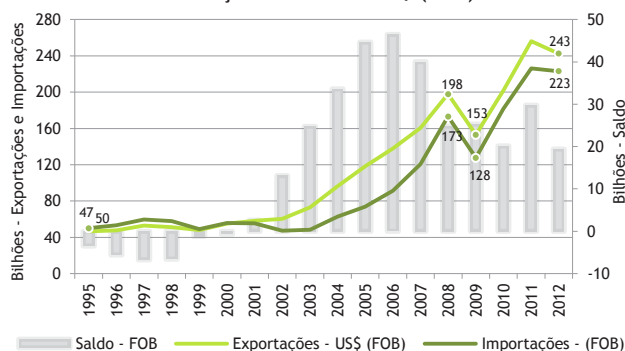


Fonte: IBGE

Balança Comercial

No período de 1995–2000, o saldo da balança comercial (FOB) foi negativo. A partir de 2001, as exportações passaram a superar as importações, mantendo-se desde então. No período de 1995–2012, as exportações aumentaram em 421,6% e as importações em 346,5%. Os anos de 2008–2009 são anos da crise: apresentam recuo de 22,7% e 26,2% nas exportações e importações, respectivamente.

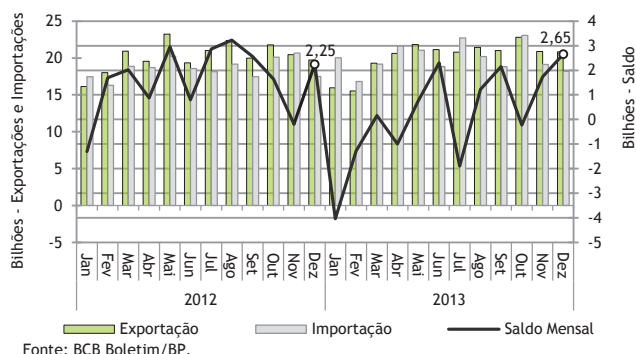
Balança Comercial – US\$ (FOB)



Fonte: BCB Boletim/BP.

Em dezembro de 2013, a balança comercial brasileira registrou superávit de US\$2,65 bilhões, 18,2% maior do que o verificado em dezembro de 2012 (US\$2,25 bilhões), sendo: US\$20,8 bilhões de bens e serviços exportados para o exterior e US\$18,2 bilhões importados. As exportações cresceram 5,6% e as importações, 3,9%, em relação ao mesmo mês do ano anterior.

Balança Comercial Brasileira – US\$ – FOB

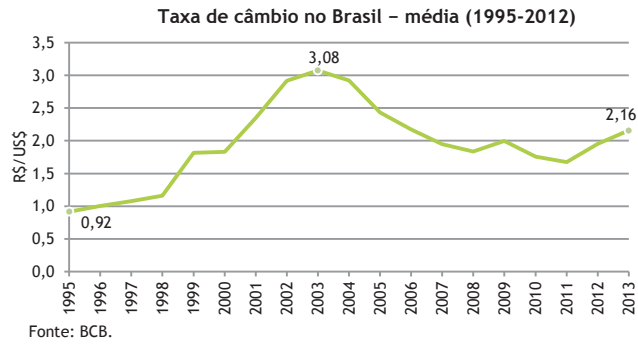


Fonte: BCB Boletim/BP.

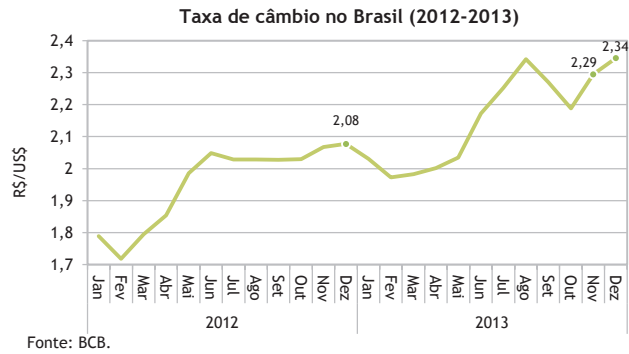
Taxa de Câmbio

A moeda brasileira, em comparação com o dólar, seguia em 1995 uma tendência de desvalorização até 2003, quando inicia uma tendência de valorização. A partir de 2011, a moeda nacional apresenta desvalorizações em consequência, principalmente

te, do cenário macroeconômico norte-americano.

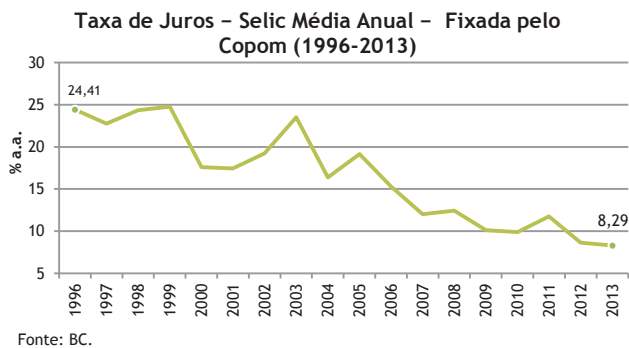


Em dezembro de 2013, a taxa de câmbio média para compra ficou em R\$2,34/US\$, representando uma desvalorização da moeda de 12,9%, em relação ao mesmo mês do ano anterior, quando registrou R\$2,08/US\$. Em relação à novembro de 2013, houve desvalorização cambial de 2,2%.

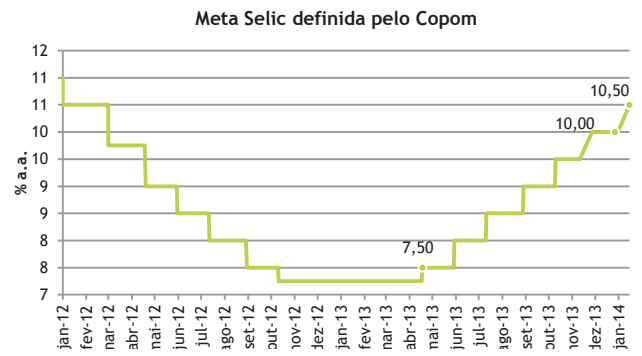


Taxa Selic

No longo prazo, a taxa Selic apresenta tendência de queda, passando de uma média anual de 24,4% em 1995 para 8,2% em 2013, queda de 66%.

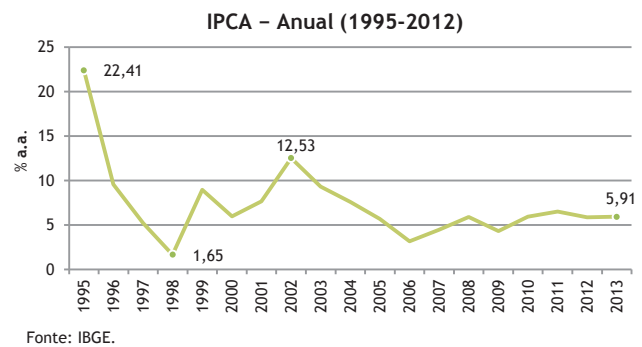


Seguindo a tendência de alta iniciada em abril de 2013, na última reunião realizada em janeiro deste ano, o Comitê de Políticas Monetárias (Copom) redefiniu a meta para a taxa Selic de 10% para 10,50%. Essa alta, segundo o relatório do Copom, está atrelada à persistência da inflação.

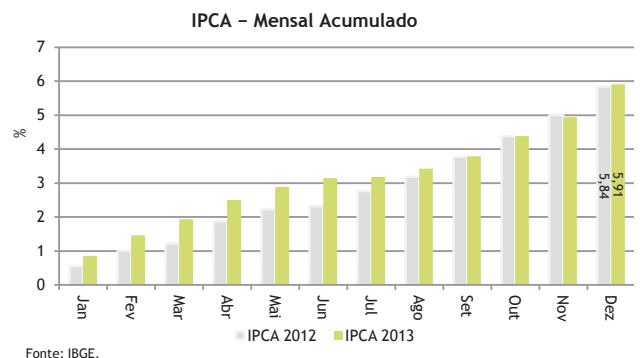


Índices de Preços

Após a consolidação do Plano Real em 1995, a inflação, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), inicia uma tendência de queda, atingindo seu menor patamar para o período em 1,65%. Em 2002, retorna à tendência de queda, registrando atualmente 5,91%.

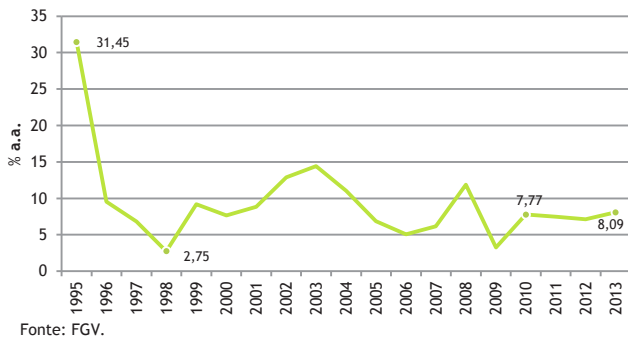


Em novembro de 2013, o IPCA apresentou variação de 0,92%. O acumulado no ano registra 5,91% ante os 5,84% registrados em igual período de 2012.



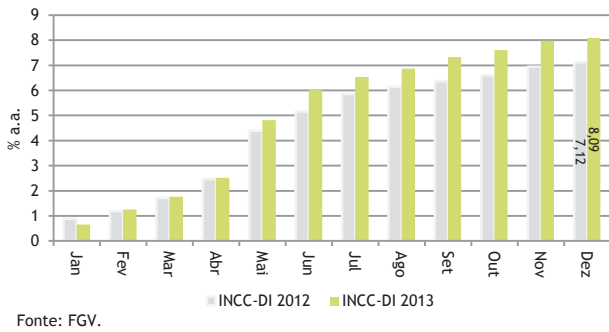
O Índice Nacional de Preços da Construção Civil (INCC) apresenta queda de 28,7 pontos percentuais no período de 1995–1998, atingindo seu menor patamar desde então. O índice registrou estabilidade nos anos de 2010 a 2012, em torno dos

INCC-DI – Anual (1995-2012)



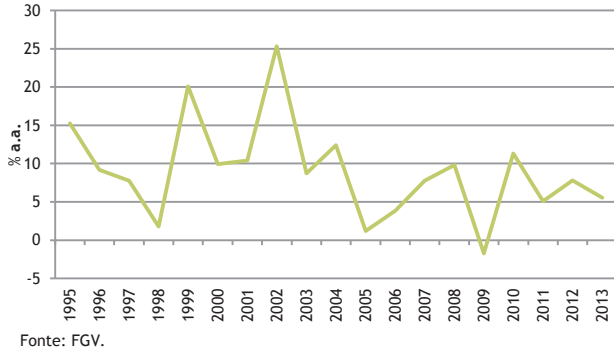
No acumulado do ano, o INCC segue em trajetória mais acelerada do que a registrada em 2012: acumula alta de 8,09% ante os 7,12% verificados para o mesmo mês do ano anterior.

INCC-DI – Mensal



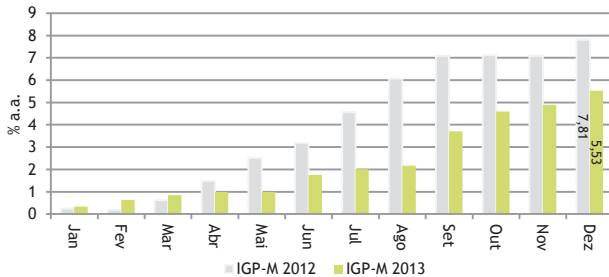
A série de longo prazo para o Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M) evidencia, a partir de 2005, menor amplitude nas flutuações do índice.

IGP-M – Anual (1995-2012)



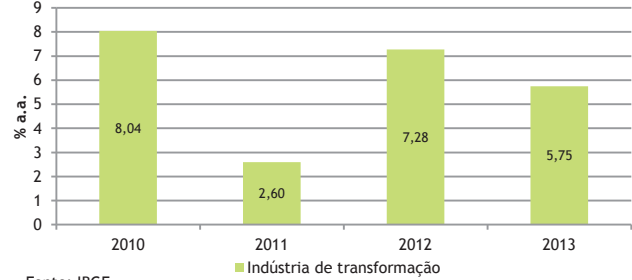
Em dezembro de 2013, o IGP-M registrou alta de 0,60% frente aos 0,68% verificados em dezembro do ano anterior. A variação acumulada no ano é de 5,53% frente aos 7,81% acumulados no mesmo período de 2012.

IGP-M – Mensal



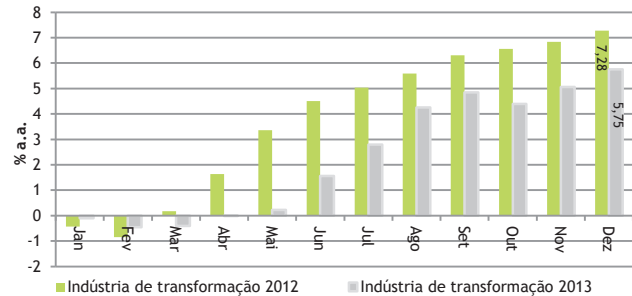
O Índice de Preços ao Produtor (IPP), medido a partir de 2010, apresenta flutuações, atingindo seu menor patamar em 2011 (2,60%).

IPP – Variação acumulada (2010-2012)



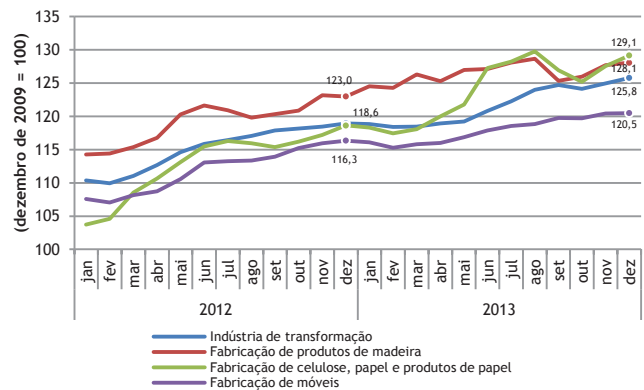
A variação acumulada do IPP no ano de 2013 é de 5,75% frente aos 7,28% acumulados no mesmo período de 2012.

IPP – Variação Acumulada no Ano



Para os setores de base florestal, verifica-se maior pressão nos preços do setor de papel e celulose do que para a média na indústria de transformação, levando em consideração a série com base em 2009. No acumulado do ano, os setores registram as seguintes variações: madeira (4,12%), papel e celulose (8,85%) e móveis (3,55%).

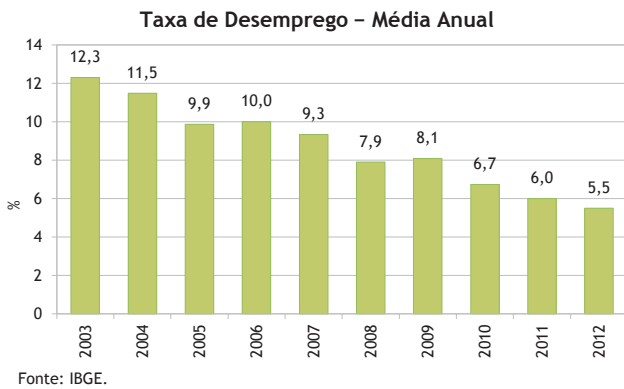
Número Índice IPP – Setores de Base Florestal



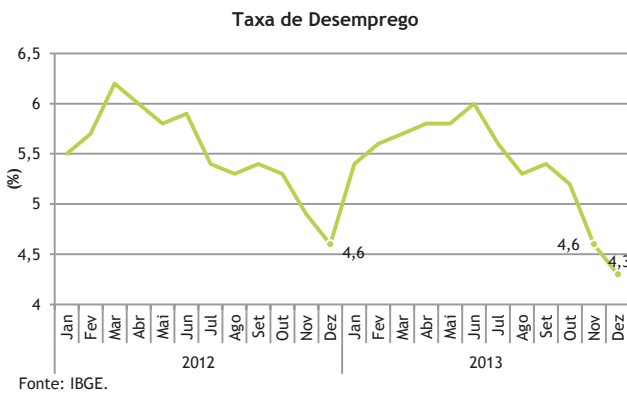
Empregos

A série de desemprego de 2003–2012 explicita tendência de queda: há recuo da taxa de desem-

prego em todos os anos do período, com mínima em 2012 (5,5%).

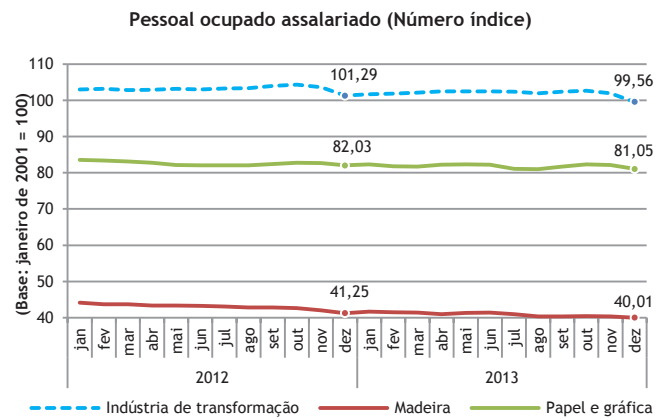


A taxa de desemprego no Brasil recuou de 4,6% para 4,3% em dezembro. Em relação a dezembro de 2012, a taxa de desemprego recuou em 0,3 pontos percentuais.



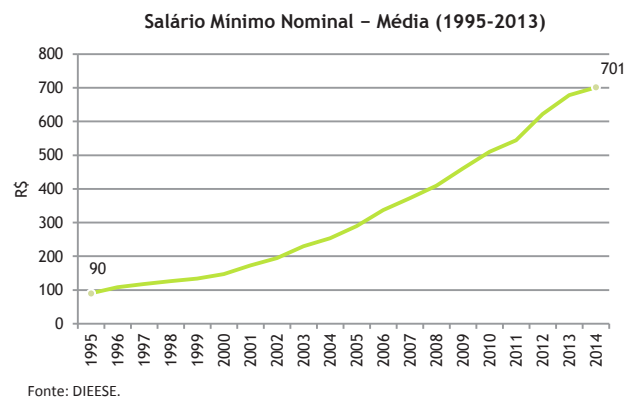
O emprego na indústria de transformação variou negativamente no acumulado de doze meses em

-1,71%. Os setores de madeira e papel e gráfica recuaram -3,01% e -1,19%, respectivamente.



Salário Mínimo

O salário mínimo médio anual no Brasil passou de R\$90 para R\$701 no período de 1995–2013, aumento nominal de 678,88%.



Expectativas de Mercado

Com a inflação acima das expectativas do mercado e do próprio governo em 2013, o Banco Central (BC) decidiu elevar a taxa básica de juro (Selic) de 10% para 10,5% ao ano em janeiro de 2014. Em relação ao PIB, o mercado manteve estável a expectativa de 2% para 2014. No âmbito internacional, O FMI reduziu de 2,5% para 2,3% as expectativas para a expansão do PIB brasileiro em 2014. O IPCA e a taxa de juros Selic apresentam expectativas de altas em relação ao último relatório de 2013.

Expectativas de Mercado — Relatório de Mercado do Banco Central				
Mediana – Agregada	2014		2015	
	Último relatório de 2013	Relatório 17/1/2014	Há 4 semanas	Relatório 17/1/2014
PIB (% do crescimento)	2,00	2,0	2,50	2,50
IPCA (%)	5,98	6,01	5,50	5,60
Selic – fim de período (%a.a.)	10,50	10,75	11,50	11,50
Taxa de Câmbio – fim de período (%a.a.)	2,45	2,45	2,45	2,50

Fonte: BC – Relatório Focus.

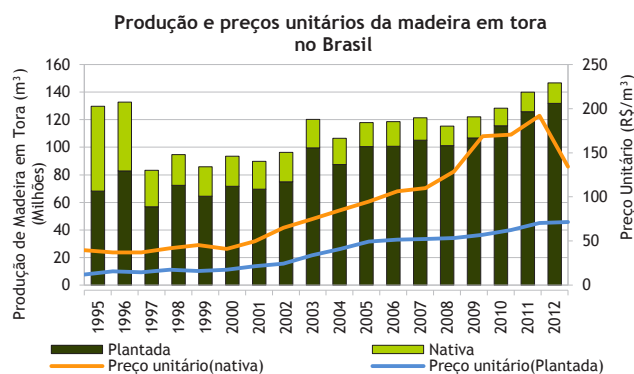
Setor Florestal

A cobertura florestal brasileira está estimada em 463 milhões de hectares. Desses, estima-se que 98,5% sejam constituídos pela floresta natural, localizada predominantemente na região Norte do país. O restante (1,5%) da área corresponde às florestas plantadas, com uma porção mais ao centro-sul, que, embora reduzida, apresenta relevantes indicadores de eficiência produtiva e notória participação socioeconômica no setor. Nelas, os plantios predominantes são de espécies exóticas, a exemplo do eucalipto e do pinus.

Os mercados mundiais de madeira, de modo geral, vêm sofrendo com a escassez e a oferta limitada de produtos madeireiros nos últimos anos. Obviamente, no Brasil, esse panorama de suprimento de madeira se altera de região para região. As condições do mercado interno, o perfil do mercado consumidor final, o alto valor agregado de alguns setores, a disponibilidade de materiais alternativos ao uso da madeira e o design dos produtos finais são alguns dos elementos-chave na caracterização dos mercados e na pressão existente sobre os preços praticados, que, além de influenciarem o movimento do consumo, orientam as pautas de importação e exportação dos países.

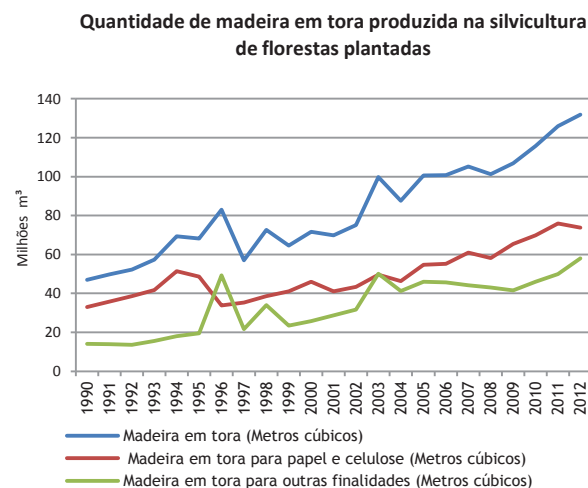
Produtos Florestais Madeireiros (PFM)

A produção de madeira em tora vem registrando aumentos desde 2009, alavancados pela produção das florestas plantadas, ao passo que a produção da floresta natural apresenta incrementos menos significativos nos últimos três anos. Esse fato é congruente com a diminuição do desmatamento.

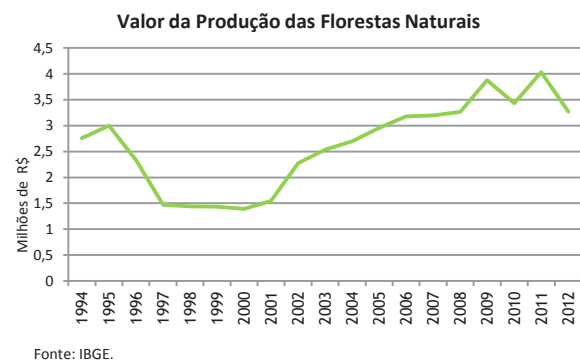


Os preços para as madeiras oriundas das florestas naturais tiveram aumento superior aos das plantadas, possivelmente, pressionados pela restrição da

oferta sem resposta coincidente da demanda. Os preços médios das naturais e das plantadas acumulam altas desde 2009.



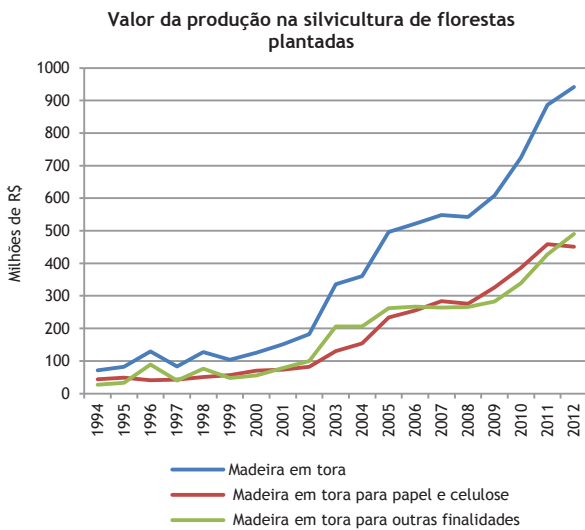
Entre 2011 e 2012, houve redução do valor obtido com a produção de madeira oriunda das florestas naturais, totalizando R\$ 2 milhões, apurados pelo IBGE, em relação ao ano anterior. Esse valor corresponde ao volume de produção de madeira em tora de 14,9 milhões de m³. A queda da produção de madeira proveniente das florestas naturais, segundo o IBGE, pode ser atribuída a fatores como: retração da demanda industrial, preços, disponibilidade de mão de obra na coleta de determinados produtos e atuação de órgãos de controle ambiental e fiscalizadores. A redução dos investimentos no setor, em função da crise econômica global em 2008, causou impactos negativos no segmento de madeira sólida, que ainda são percebidos na atual dinâmica produtiva.



O segmento das florestas plantadas atingiu, em 2012, uma produção de 131,8 milhões de m³, aumento de 4,7% em relação a 2011, resultado in-

fluenciado principalmente pela produção de madeira para papel e celulose.

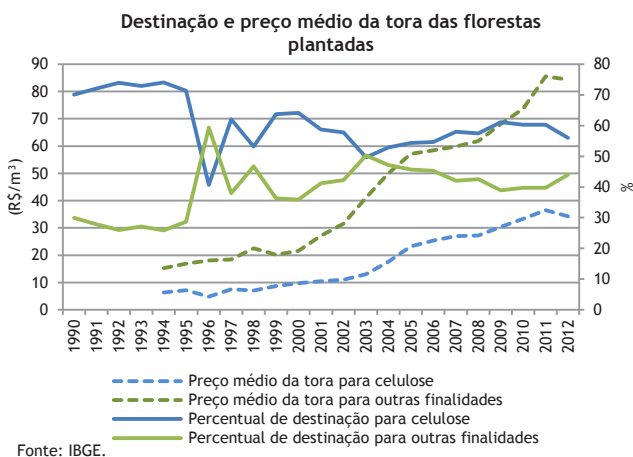
Em 2012, a produção da silvicultura respondia por 88% da produção total de madeira em tora.



INDÚSTRIA

Papel e Celulose:

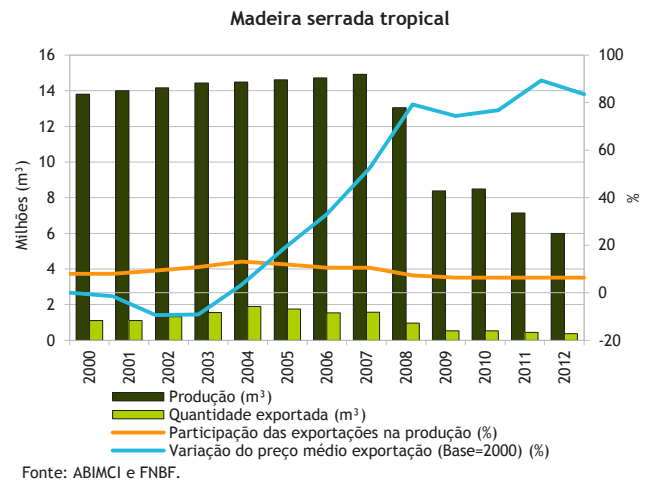
A produção de madeira para papel e celulose, no ano de 2012, somou 73,8 milhões de m³, e a de madeira para outras finalidades (construção civil, movelaria, construção naval, etc.), 58 milhões de m³. Setores como o de celulose, papel e papelão, siderurgia e móveis estão diretamente envolvidos com aumento das taxas de produção do setor.



Madeira Serrada Tropical:

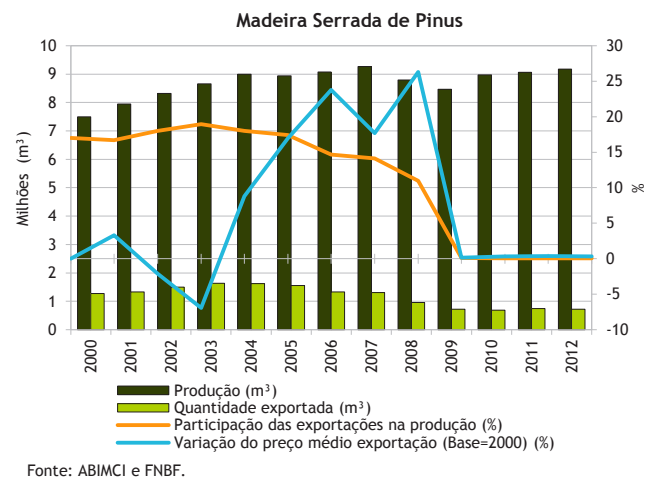
A produção de madeira serrada de origem tropical vem registrando queda desde 2008, juntamente com a elevação de seus preços médios. A parte da produção direcionada ao

mercado externo, após queda em 2009, permanece estável.



Madeira Serrada de Pinus:

A produção de madeira serrada de pinus apresenta leve incremento entre os anos de 2010 e 2012, tendo atingido, neste último ano, 9,17 milhões de m³. A desaceleração do resultado produtivo, nos anos de 2008 e 2009, pode estar correlacionada com a situação desfavorável do mercado internacional, por conta da queda brusca do preço médio para exportação. A parcela da produção direcionada ao mercado externo, após um período de queda em 2006-2010, apresenta estabilização.

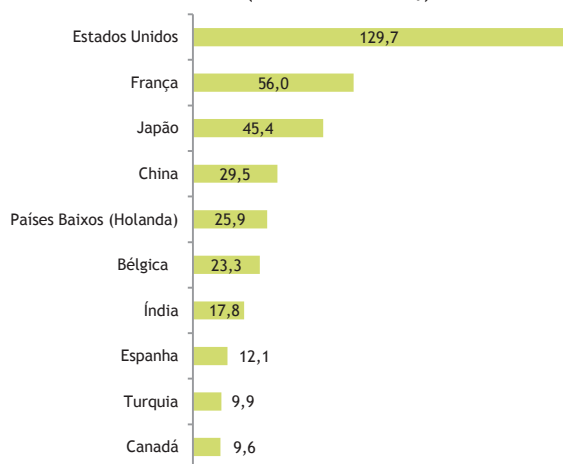


MERCADOS

Exportações:

Em 2013, os cinco principais destinos dos produtos florestais brasileiros exportados pela Amazônia Legal foram: Estados Unidos, França, Japão, China e Países Baixos.

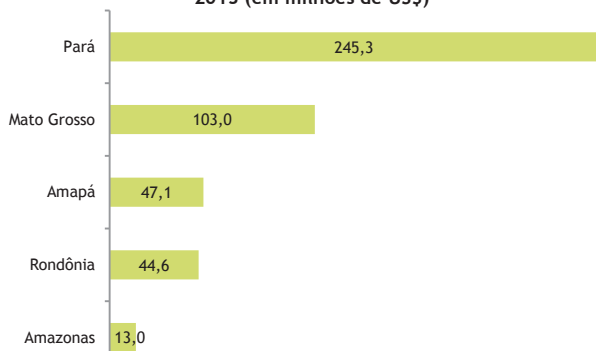
Principais destinos das exportações de produtos florestais brasileiros – Amazônia Legal 2013 (em milhões de US\$)



Fonte: MDIC/GEINF.

A maior parte da produção de madeira serrada tropical para exportação tem origem no Pará (35,3%), seguido por Mato Grosso (25,8%) e Rondônia (14,5%), destaca a OIMT (Organização Internacional de Madeiras Tropicais).

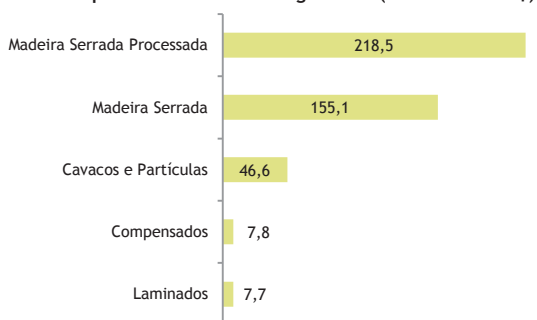
Principais estados exportadores de produtos florestais brasileiros – Amazônia Legal 2013 (em milhões de US\$)



Fonte: MDIC/GEINF.

Com relação à exportação dos produtos madeireiros da Amazônia Legal, destacam-se a madeira serrada processada, a madeira serrada e os cavacos e partículas.

Principais produtos florestais madeireiros brasileiros exportados Amazônia Legal 2013 (em milhões US\$)



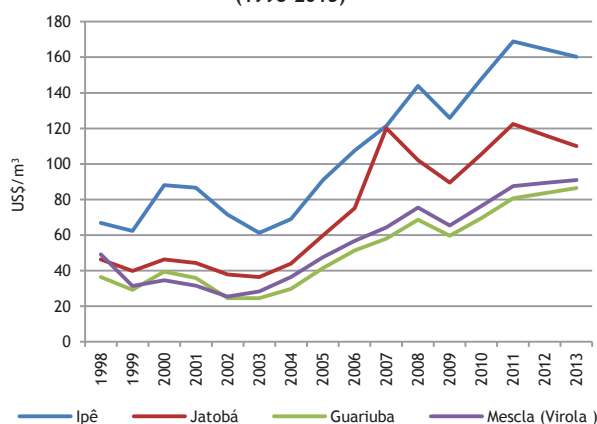
Fonte: MDIC/GEINF.

PREÇOS

Com relação aos preços praticados no mercado, os gráficos a seguir trazem o comportamento de alguns tipos de produtos madeireiros nos mercados interno e externo.

Com relação ao preço médio da madeira em tora no mercado brasileiro, no período observado (1998 a 2013), constata-se elevação dos preços para as quatro espécies em análise. Dentre as espécies selecionadas, o ipê possui o maior preço, média de US\$ 160,00/m³ em 2013. O ipê foi a espécie que teve o maior aumento de preço entre 1998 e 2013, aproximadamente 140%.

Preços médios de tora – Mercado interno (1998-2013)*

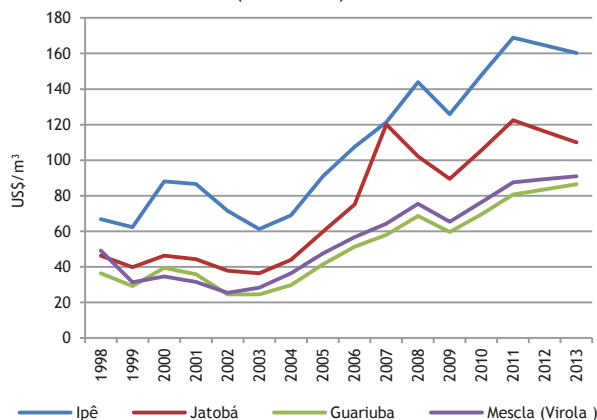


Fonte: ITTO/MIS.

Nota: * Em virtude da ausência de dados para 2012, utilizou-se a média em relação ao ano anterior e posterior.

No que se refere à madeira serrada, os preços médios da madeira nativa apresentam maior valor em relação às madeiras oriundas de florestas plantadas, como o gráfico a seguir comprova. O ipê apresenta, dentre as espécies selecionadas, o maior valor, média de US\$ 866,5 /m³ no ano de 2013. Também merece destaque a maior tendência de aumento relativo dos preços nas espécies nativas a partir do período 2003/2004.

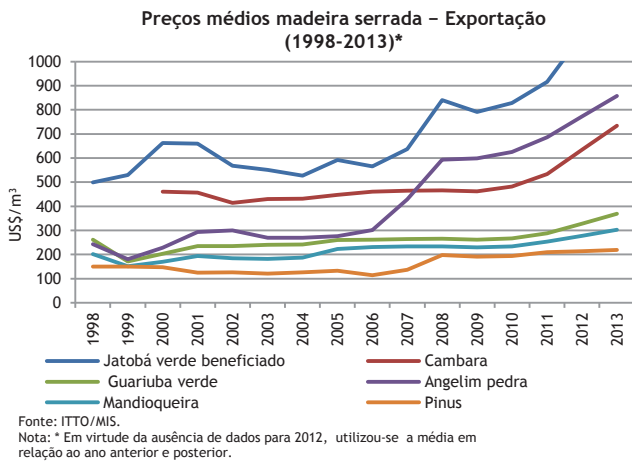
Preços médios de tora – Mercado interno (1998-2013)*



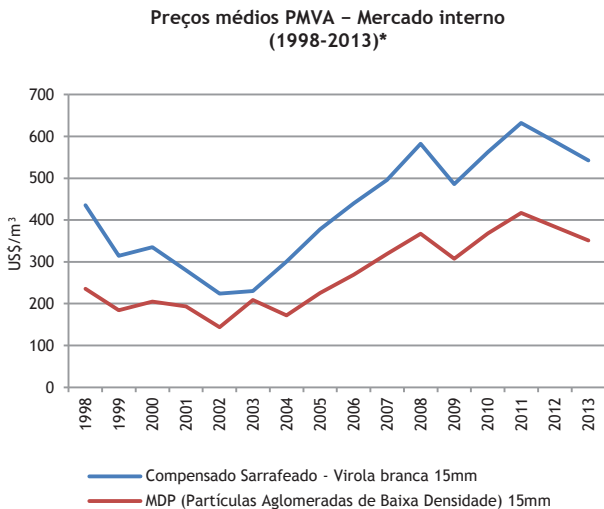
Fonte: ITTO/MIS.

Nota: * Em virtude da ausência de dados para 2012, utilizou-se a média em relação ao ano anterior e posterior.

No mercado externo, considerando os preços FOB (Free on Board) da madeira serrada, com base nas exportações dos portos de Belém e Paranaguá, a espécie Jatobá se destaca. Seu preço médio, em 2013, alcançou US\$ 1.305,17. Para a espécie Angelim Pedra, houve aumento de 252% no preço médio, entre os anos de 1998 e 2013, maior variação dentre as espécies observadas.

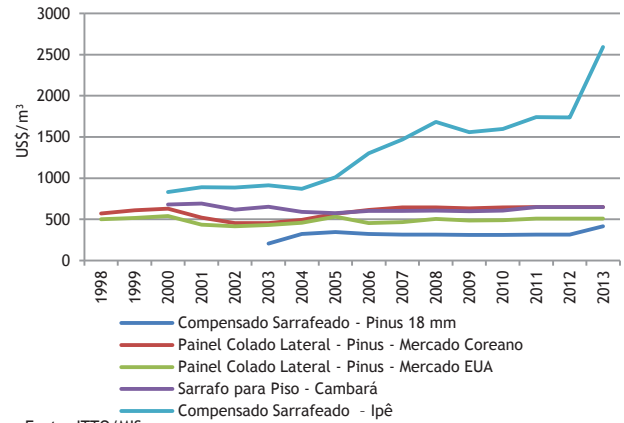


Com relação aos Produtos de Maior Valor Agregado (PMVA), no mercado interno existe uma clara tendência de valorização para os dois produtos apresentados no gráfico a seguir, o que indica o aquecimento desse tipo de mercado no país.



Por sua vez, o mercado externo dos PMVA vem apresentando relativa estabilidade de preços nos produtos analisados, com exceção do deck de ipê que teve uma forte valorização em anos recentes e atingiu o preço médio de 2.591 US\$/m³ no ano de 2013.

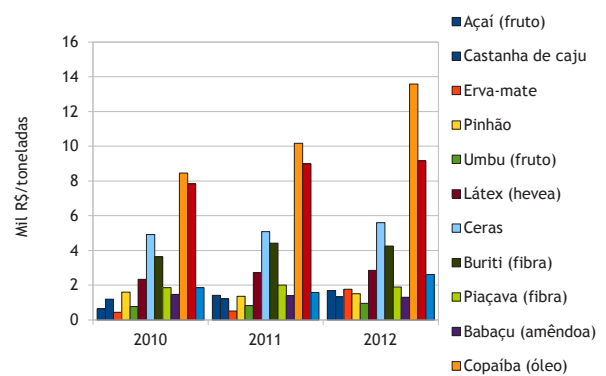
Preços médios PMVA – Exportação (1998-2013)*



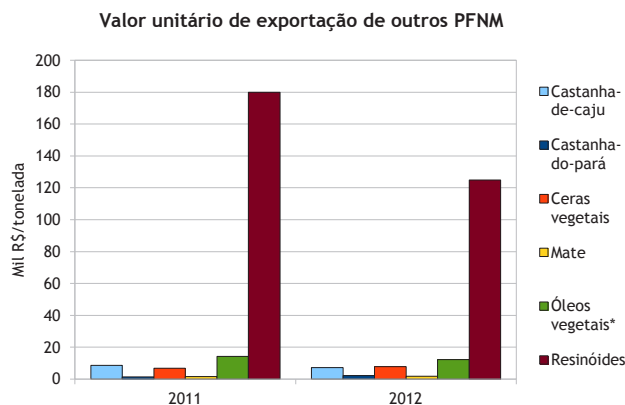
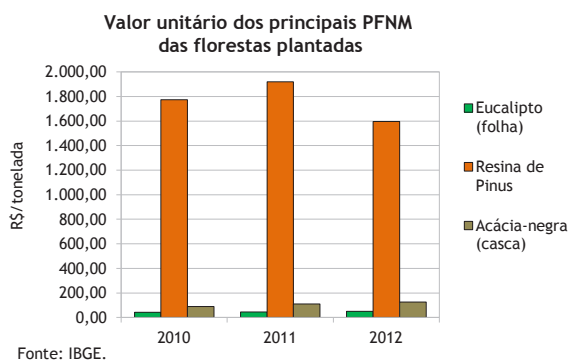
Produtos Florestais Não Madeireiros (PFNM)

Dentre os principais produtos florestais não madeireiros, destacam-se o açaí, o babaçu, a piaçava, a erva-mate, a cera e a castanha-de-caju. A copaíba e a castanha-do-brasil têm preços expressivos em valor unitário. A produção da erva-mate, do açaí e da amêndoa de babaçu, juntos, responde por aproximadamente 80% da produção total e por mais da metade de todo o valor obtido no mercado nacional.

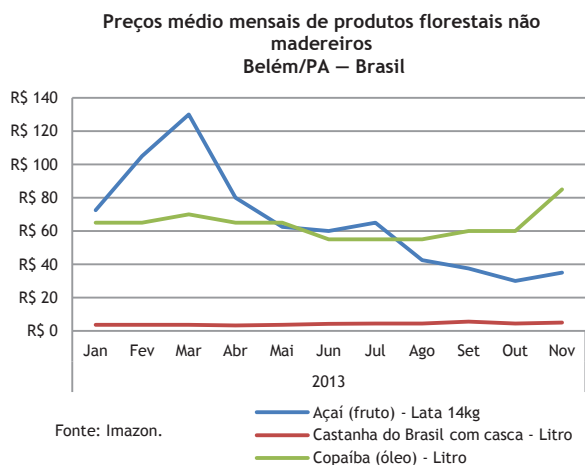
Valor unitário médio dos principais produtos florestais não madeireiros



Em relação ao valor unitário obtido com a produção, a amêndoa do cumaru e o óleo de copaíba apresentam preços crescentes e com maior atratividade nos últimos anos. Para os produtos não madeireiros da silvicultura de florestas plantadas, os melhores preços obtidos estão na produção de resinas, embora o maior volume de produção seja da casca de acácia-negra.



A região Norte do país concentra o maior volume da produção e é o maior fornecedor de produtos florestais não madeireiros para as demais regiões do Brasil e para o exterior. Segundo o Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), que acompanha os preços de alguns PFNM no mercado de Belém/PA, no final de 2013 os preços médios apontam queda no preço do açaí e aumento considerável no óleo da copaíba. O preço da castanha-do-brasil manteve-se sem alterações significativas no ano de 2013.



MERCADO EXTERNO DE PFNM

As exportações de PFNM mais expressivas são da castanha-de-caju, mate e as ceras vegetais, respondendo por 46%, 17% e 30% do valor total obtido na pauta das exportações em 2012, respectivamente. Apesar da baixa expressividade da quantidade produzida, os valores unitários dos resinóides sobressaem-se no total obtido na pauta de exportação, atingindo R\$125 mil/tonelada.

EQUIPE TÉCNICA

Gerência Executiva de Planejamento Florestal – GEPLAN

Gerente Executivo

André Luiz Campos de Andrade

Analistas Ambientais

Luciane Maria da Silva

Alexandre Louis de Almeida D'Avignon

Estagiária de Economia

Tamara Vaz de Moraes Santos

Contribuições e sugestões para este boletim podem ser enviadas para:

planejamento@florestal.gov.br

Ministério do Meio Ambiente Serviço Florestal Brasileiro

SCEN Trecho 2, Ed. Sede - Bloco H
CEP: 70818-900 Brasília-DF

Tel.: (61) 2028-7258 | Fax: (61) 2028-7269

Email: ouvidoria@florestal.gov.br

www.florestal.gov.br



Serviço Florestal Brasileiro

Missão: Promover o uso econômico e sustentável das florestas.



Ministério do
Meio Ambiente

